

CARTA

Zico — Recebi sua carta, em Capri, e lamentei não poder topar seu plano de ir tomar cervejas mil na quinta do Cantuária. Estou outra vez esticado na minha velha rêde carioca, ouvindo o canto das cigarras e os ruidos da construção civil. Joel Silveira é que está viajando para aí; vai a Paris, Londres, à sua Bruxelas, e depois descerá pela Mália. Ontem, na casa do dr. Elísio Condé (médico, irmão dos irmãos Condé) encontrei gente que não via há muito. A noite era em honra de Erico Veríssimo; achei-o bem, as tēporas a branquejar; a idade o vai embelezando. O mesmo não direi do Viana Moog, que sempre foi um bonitão; a novidade é que êle se converteu ao catolicismo, e vai publicar um livro sôbre os Estados Unidos, onde viveu quatro anos, e o Brasil; voltou para a sua rua Toneleros.

As noticias do nosso Espírito Santo são más. Quando passava, sonolentamente, de avião, pelas alturas do rio Dóce, semanas atrás, reparei lá em baixo, na noite escura, placas rubras, de fogo. Novembro já é tarde para as queimadas, pensei; elas são coisas do mês de agosto, que é também dos desgostos e dos cáchorros loucos. Agosto, mesmo quando estou, como você agora, em terras onde agosto é verão, sempre me lembra o cheiro das queimadas, e algum pedaço de fôlha carbonizada trazido pelo vento, que entra pela janela. Pois ontem me contaram que essas queimadas são obra da sêca. O mato está esturricado e triste; aparecem incêndios em tôda parte. A falta de chuvas arruina êste ano os lavradores. Teremos pouquíssimo café para exportar; as finanças do Estado, que estavam tão bonitas, animando o governo a fazer belos planos de estradas e usinas, vão sofrer muito. O mesmo acontece em muitos Estados. De quem a culpa? As autoridades da meteorologia falaram numa boa massa de água que nos viria do Polo Sul; não veio, ou não passou da Argentina; há quem desconfie de alguma negociata do Luzardo, mas penso que é exagero.

Restaria-nos o recurso das chuvaradas locais, as que nascem com trovões e desabam de tarde; mas o dr. Getúlio continua no seu eterno chove-não-molha.

No Rio, o caso ainda se explica; é um caso de caráter, o que é raro. Ao assumir a Prefeitura o dr. Vital fez sobretudo uma promessa: acabar com as inundações. Acabou. Zico: é um homem de palavra; e é desses que amam cortar o mal pela raiz. Mas eu acho que já era tempo da gente ir, em multidão, para debaixo da janela dêle e dizer: "Está bem, doutor; já vimos que o senhor faz o que diz; mas chega, doutor — chova um pouco, pelo amor de Deus". E dar um prazo para êle chover, ou sair lá de cima.

Zico, adeus.

29/11/51
R.B.